

No fim da filosofia, poesia e pensamento

In the end of philosophy, poetry and thinking

Fábio Galera Moreira
Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGF/IFCS

RESUMO: O artigo pretende abordar a questão elaborada por Heidegger acerca do fim da Filosofia, procurando pensar, em tal retomada, o envio histórico para uma abertura de conciliação entre poesia e pensamento. Os primeiros passos da investigação partirão do fim da filosofia. Iniciaremos pelo fim da filosofia, que é o nosso momento atual, pretendendo visualizar de modo privilegiado o poder de seu princípio, princípio este que poderá revelar uma possibilidade de articulação e visualização do mútuo pertencimento de poesia e pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: FIM DA FILOSOFIA; POESIA; PENSAMENTO; VERDADE.

ABSTRACT: The article intends to approach the question elaborated by Heidegger about the end of Philosophy, trying to think, in such a resumption, the historical sending for an opening of conciliation between poetry and thought. The first steps of the investigation will start from the end of philosophy. We will begin with the end of philosophy, which is our present moment, intending to visualize in a privileged way the power of its principle, which principle may reveal a possibility of articulation and visualization of the mutual belonging of poetry and thought.

KEYWORDS: END OF PHILOSOPHY; POETRY; THOUGHT; TRUTH.

Introdução

Poesia e pensamento. Palavras, atualmente inconciliáveis, que apontam para realidades classificadas pela ordenação das ciências em setores distintos. Logo, poesia e pensamento não dialogam. *Poesia:* diz algo da sensibilidade e da expressão da subjetividade, hipostasiada na imagem de um provável eu lírico¹, elaborado e comprovadamente demonstrado na materialidade da linguagem. *Pensamento:* atividade que conduz ao saber, especializado e circunspeto; demonstração da mais alta e elevada ação do espírito; diz algo do exercício e esforço de aplicação da racionalidade humana, o que nos distingue de todo e qualquer vivente. Ainda que tais

¹ Para a devida compreensão acerca da distinção entre poesia e poema, bem como acerca do ultrapassamento da subjetivação da linguagem literária, ver *Caminho, poética, acontecimento*.

definições sejam aqui apresentadas subitamente, sem que haja a ponderação necessária de suas realidades específicas: dois âmbitos, duas realidades, dois setores. Isto é simplesmente aceito e tratado como evidente. Sua incompatibilidade pode ser facilmente observada desde o princípio mesmo da *Filosofia*, quando de seu surgimento oficial². Todos sabemos que a filosofia inaugura a era da razão, deixando para trás o mito e a tradição oral, assumindo para si os rigores da racionalidade, da escrita e da lógica enunciativa. O *pensamento* esteve devotado à verdade, como adequação/correção entre linguagem e realidade, ou melhor, entre coisa e intelecto, agindo por meio do raciocínio lógico; é incorporado como a atividade mesma da Filosofia, o pensamento encontra nela, na Filosofia, o seu solo e a oportunidade para a sua dignidade e reconhecimento acadêmico. Assim, pensar se confunde com o filosofar: só se pensa pelo filosofar. Já a poesia, considerada em seu sentido mais amplo, está empenhada na beleza, provocando sensações e afetos, apoiada sobre o solo da arte, considerada atualmente também como *área de conhecimento*. Arte e filosofia, duas áreas distintas. A mais radical de suas diferenças diz respeito às respectivas finalidades: *beleza e verdade*.

Estas interpretações de *poesia e pensamento* são dominantes, reservados os nossos excessos, sem que se tenha refletido demorada e seriamente sobre tais determinações. No entanto, ainda que tenhamos em conta que são setores distintos em nossa tradição e cultura acadêmica, uma questão: será possível o encontro de poesia e pensamento, encontro esse proposto aqui para se concretizar no fim da filosofia? Isto é o que se pretende alcançar: a retomada de um diálogo, a possibilidade de um espaço comum, onde poesia e pensamento possam estar em sintonia. Independente de nosso sucesso, fato é que essas interpretações distintivas estão resguardadas numa decisão e envio histórico que necessitam ser discutidos. Envio e decisão que sustentam o caráter inconciliável de poesia e pensamento. Poesia e pensamento: o título de uma retomada.

Com o título *No fim da filosofia, poesia e pensamento* está insinuada uma unidade de poesia e pensamento, lá onde a filosofia

² Conforme o conceito de *mimesis* e o conceito de *entusiasmo poético* nos diálogos platônicos, respectivamente na *Politéia* (A República), em especial nos Livros III e X, e no *Íon*. Em ambos os textos, trabalha-se a diferença e incompatibilidade de natureza entre poesia e pensamento. Ver o artigo *A compreensão da técnica como episteme no Íon: um modelo hermenêutico de racionalidade*.

alcançou sua saturação. A filosofia conquistou a sua plena realização e encontrou o seu desenvolvimento máximo no pensamento de Hegel através da autorealização do espírito absoluto. Nisto encontramos o seu fim, sua saturação. Segundo a forma dialética e teleológica do sistema hegeliano, a filosofia se erige sobre si mesma, sobre a autoconsciência do espírito, que se torna absoluto com o auxílio e esclarecimento proporcionado pela filosofia. No entanto, *no fim da filosofia*, o próprio pensamento deve ser posto em questão. Teria *o pensamento*, juntamente com a filosofia, em seu fim, alcançado a sua cumulação? Seria possível o esgotar-se das possibilidades do pensamento no fim da filosofia? Seria a ação do pensamento, o pensar mesmo, uma propriedade *da* filosofia? O que se quer saber é: só se pode pensar no espaço da filosofia? Quer dizer: só podemos pensar filosoficamente? Quem decidiu que o pensar é algo exclusivo do filósofo e por isso propriedade da filosofia? O que é isto, pensar? Matizado pela forma própria da história da filosofia, desde o seu princípio, o pensar recebeu um ritmo, uma linguagem, uma disposição. O perigo é que não foi apenas o pensamento que recebeu tal contorno e orientação, assumindo um destino histórico.

Não só o pensamento deve ser colocado em questão no fim da filosofia, mas o próprio da poesia também deve ser pensado. *No fim da filosofia, poesia e pensamento* resguarda uma questão: poesia e pensamento poderão revelar algum pertencimento mútuo, agora que a filosofia chegou ao seu fim absoluto? Ou, estarão mesmo fadados a uma irrevogável disjunção? Antes: poesia e pensamento possuem algo em comum que possa ser retomado? Com que direito se afirma essa unidade, esse *comum pertencimento*? Tudo está funcionando *metafisicamente* tão bem, tanto na filosofia quanto na poesia – na estética. Poesia e pensamento já encontraram seu desenvolvimento e legitimidade na lógica dos saberes, reconhecidos cientificamente. Uma reinvidicação dessa natureza parece desnecessária e artificial, pois a arte, a estética possui lugar não só na história da arte como no campo da filosofia. O que se pretende com a proposição de um pertencimento da poesia ao âmbito do pensar e vice versa? Com que direito se coloca o comum pertencimento entre ambos, poesia e pensamento? Alguma vez o pensamento foi poético? Ou, o poetar, já se mostrou algum dia pensante?

O fim da filosofia

Fábio Galera Moreira

No contexto do pensamento de Martin Heidegger, o que devemos compreender rigorosamente a partir desta expressão: *fim da filosofia*? Esta é a primeira pergunta a que devemos responder segundo a ordem das questões implicadas no título. Ao responder a essa pergunta, ficará insinuado o que diz aí tanto a palavra *fim*, quanto a palavra *filosofia*. Em segundo lugar, devemos procurar pensar como se caracteriza o estado atual da filosofia, encontrando-se, ela, em sem fim. Por último, devemos colocar a pergunta que dá sentido a nossa discussão: Por que é necessário colocar a questão do mútuo pertencimento de poesia e pensamento, justamente no fim da filosofia?

Heidegger apresenta em várias de suas reflexões a questão do *fim da filosofia*³. A filosofia alcançar o seu fim, ela ter chegado ao seu fim, significa que encontrou o seu acabamento, sua plenitude, isto é, atingiu o máximo de suas possibilidades. Não que tenha se tornado perfeita, mas que pôde realizar o que podia, tendo em vista o desdobramento de seu envio histórico. Deste modo, a filosofia entra “em seu estágio terminal” (HEIDEGGER, 1996a, p. 96). Isto pretende dizer: “ela já percorreu todo o âmbito das possibilidades que lhe foram presignadas” (HEIDEGGER, 2010, p. 72)⁴. Em seu curso do semestre de verão de 1933, intitulado *A questão fundamental da filosofia* (HEIDEGGER, 2016, p. 19)⁵, a filosofia nos é apresentada como um destino essencial do homem, que determina e orienta a realização histórica do humano. Como afirma Heidegger, “a própria filosofia é o acontecimento fundamental da história de nossa presença” (p. 33). Heidegger se empenha em demonstrar os desvios que foram sendo tomados pela filosofia, na medida em que ela se torna sinônimo de metafísica. Desse modo, o fim da Filosofia está associado diretamente ao fim da Metafísica. Heidegger afirma: “Filosofia é Metafísica” (HEIDEGGER, 1996a, p. 95). Isso significa: Filosofia é uma *tradição* (HEIDEGGER, 1996b, p. 29)⁶, é um modo de questionar o ser do

³ De modo mais explícito, a questão aparece com maior ou menor relevo em *A questão fundamental da filosofia* (1933), *Contribuições à filosofia* (1936-1937), *A superação da metafísica* (1936-1946), *Hegel e os gregos* (1958), *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* (1964).

⁴ Na Edição alemã Gesamtausgabe, Vittorio Klostermann, Band 7.

⁵ Na edição alemã Gesamtausgabe, Vittorio Klostermann, Band 36-37.

⁶ Na edição alemã Gesamtausgabe, Vittorio Klostermann, Band 14.

ente, modo este desenvolvido pelos gregos Platão e Aristóteles. Tradição aí é a própria Metafísica, que nomeia uma perplexidade diante do questionar o ser dos entes bem como o título de uma *ciência* (HEIDEGGER, 2016, p. 36): “o título de uma perplexidade torna-se, então, o nome para a espécie mais elevada possível do conhecimento humano” (HEIDEGGER, 2016, p. 37).

Elaborando a história do termo metafísica, o mesmo recebe determinações diversas, recolhendo superposições de sentido: assume o significado de “etiqueta técnica”, para classificar determinados escritos aristotélicos; passa a título “para designar a especulação teológica do pensamento cristão acerca do mundo” (HEIDEGGER, 2016, p. 37); até agregar a ideia de ciência. Sem desdobrar aqui o caráter específico de cada um dos momentos e implicações do termo, o fundamental a se perceber nessa sucessão, em todos esses envios significativos que a palavra foi recebendo ao longo de sua história, é que o resultado geral de cada um dos sentidos empregados historicamente atesta que “a história da filosofia ocidental é uma perda crescente da cadência de seu próprio princípio” (HEIDEGGER, 2016, p. 44). Isto significa que a filosofia foi perdendo a sua força própria, na medida em que se realizam essas alterações de sentido, fazendo com que a atividade filosófica perca o ritmo, a cadência, na medida em que se retira de seu elemento próprio. Vale dizer que todos os seus desvios ao longo dos dois últimos milênios remontam a dois principais motivos que perfazem o que hoje entendemos como filosofia: sua cunhagem teológico-cristã e sua cunhagem matemática. Mas qual é o seu elemento próprio, então? Deixemos a pergunta ganhar força.

No sentido em que a palavra é tomada nas reflexões de Heidegger, fim não indica o cessar da atividade filosófica nem sua ruína, a derrocada da filosofia, como se poderia supor ingenuamente. Quando Heidegger fala em *fim da filosofia* ele tem em mente o seu *acabamento*. Retomando a aproximação significativa das palavras fim (*Ende*) e lugar (*Ort*), Heidegger afirma que o “fim da Filosofia é o lugar, é aquilo em que se reúne o todo de sua história, em sua extrema possibilidade. Fim como acabamento quer dizer esta reunião” (HEIDEGGER, 1996a, p. 96)⁷. Fim é o lugar onde finda as possibilidades da filosofia. Finda porque chegou ao fim, chegou no

⁷ Conforme edição alemã, fim (Das Ende) e acabamento (Vollendung), “End als Vollendung”, p. 70-71.

lugar de seu desenvolvimento possível. Deste modo, fim é compreendido como concentração, reunindo a totalidade de sua história, de todos os seus desdobramentos históricos.

Em *A superação da metafísica* (HEIDEGGER, 2010), Heidegger trata desse mesmo fim (*Ende*) e/ou acabamento (*Vollendung*) como um fenômeno global e duradouro e que marca o modo de vida do homem atual. Segundo suas próprias palavras,

O acabamento da metafísica, que constitui o fundamento do modo planetário de pensar, fornece a armação para uma ordem da terra, provavelmente bastante duradoura. Esta ordem já não mais precisa da filosofia porque de há muito a ela já sucumbiu. Com o fim da filosofia, porém, o pensamento não está no fim, mas na ultrapassagem para um outro começo. (HEIDEGGER, 2010, p. 72)

Sendo assim, ao contrário do que se poderia pensar, o fim da filosofia não significa que ela tenha se tornado coisa do passado, deixando de vigorar hoje. Segundo Heidegger, esse acabamento tem o potencial de se estender indefinidamente: “O acabamento dura mais do que a história da metafísica transcorrida até aqui” (HEIDEGGER, 2010, p. 61). A filosofia, portanto, parece ter alcançado sua plena realização, atingiu seu acabamento, efetivando um modo de ser que se inaugurou junto aos primeiros filósofos, encontrando em nosso tempo, hoje, a sua total plenitude e dominação. Por isso, tal modo de ser permanece imperante.

Em sua conferência intitulada *Hegel e os Gregos*, proferida em 1958 na Academia de Ciências de Heidelberg, o *princípio* e o *fim* da filosofia estão em questão, e sua articulação deflagra uma importante meditação histórica acerca da filosofia. Heidegger irá confrontar o fim da filosofia, apontando sua instauração no pensamento de Hegel, e o seu começo, tendo sido iniciado entre os gregos.⁸ A partir da interpretação de Hegel⁹ acerca de palavras

⁸ Conforme Heidegger, “Ao dizermos ‘os gregos’, pensamos no início da filosofia e ao nome ‘Hegel’ associamos a sua consumação” (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 436).

⁹ Não só a interpretação de tais palavras irá fundamentar a ideia de fim da filosofia em Hegel. Heidegger destaca uma passagem em que Hegel afirma o seguinte: “Na filosofia enquanto tal, na presente, na derradeira, está contido tudo o que o labor de milênios

fundamentais do pensamento grego, articula-se uma estruturação totalizante da filosofia¹⁰, que irá se consumir plenamente no pensamento de Hegel. Tal articulação revela a *consumação* (*Vollendung*)¹¹ mesma da filosofia, o seu fim. Podemos afirmar que a conferência possui quatro momentos: no primeiro se dá a delimitação de seus objetivos, pretendendo, em última instância, colocar em questão a “coisa do pensamento” (*der Sache des Denkens*)¹²; no segundo momento da conferência, Heidegger se empenha em apresentar o saber compartilhado acerca do pensamento hegeliano; em terceiro lugar vem a crítica de Heidegger acerca da interpretação hegeliana das quatro palavras fundamentais no princípio da filosofia grega, bem como de sua concretização no espírito absoluto do sistema hegeliano; por último, as considerações de Heidegger sobre o impensado acerca da verdade (*alétheia*), *verdade esta que deve orientar a retomada do pensamento grego no começo e recomeço da filosofia*, o que foi destacado acima como *um outro começo*.

Eis o impensado por Hegel e por toda a história da filosofia: a *alétheia* grega como *desvelamento*.¹³ Essa é uma palavra que aponta para uma experiência fundamental entre gregos e que no pensamento hegeliano não encontrou sua importância essencial. As palavras fundamentais de Hegel, destacadas do pensamento grego são: *en*, *logos*, *ideia* e *energeia*. Ainda que Hegel defina a meta da filosofia como sendo a verdade, a palavra grega *alétheia*, traduzida contemporaneamente como verdade, não ganha relevo em seu pensamento.¹⁴ Isso se deve ao fato de o *sujeito*, para os gregos, *ainda não* ter se manifestado *enquanto sujeito*. A compreensão de sujeito para Hegel estava intrinsecamente ligado à compreensão de verdade,

produziu; ela é o resultado de tudo o que antecedeu” (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 441). Vale destacar ainda, que Heidegger não encerra o fim da filosofia no “sistema isolado do idealismo” (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 441).

¹⁰ Conforme Heidegger, “No título ‘Hegel e os gregos’, nos acena a totalidade da filosofia em sua história”, (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 436).

¹¹ (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 436). Na edição alemã Gesamtausgabe, Vittorio Klostermann, Band 9, p. 427.

¹² (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 438). Na edição alemã Gesamtausgabe, Vittorio Klostermann, Band 9, p. 429.

¹³ Conforme Heidegger, “A *alétheia* é o impensado digno de ser pensado, a coisa do pensamento.” (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 452).

¹⁴ Conforme Heidegger, “Segundo a expressão de Hegel na introdução à sua primeira preleção aqui em Heidelberg, porém, a filosofia tem por ‘meta’: ‘a verdade’”, (HEIDEGGER, Martin. 2008, p. 438).

qual seja: “a certeza absoluta do sujeito que se sabe a si mesmo” (HEIDEGGER, 2008, p. 447). Verdade aí é certeza absoluta e não desvelamento, o que é bem diferente. Como Heidegger destaca, para Hegel, os gregos estão no estágio da beleza: *ainda não* (HEIDEGGER, 2008, p. 447) atingiram o estágio da verdade/certeza.

Anteriormente dissemos que a história da filosofia é a perda de sua cadência, a perda de sua força, de seu elemento: teria a filosofia perdido sua cadência justo por não ter se empenhado de modo fundamental em se auto-realizar a partir do seu elemento mais próprio? Isto é: a perda de cadência da filosofia, e, por isso, ter ela atingido o seu fim, se deve ao fato de historicamente ela mesma não ter sido capaz de se colocar a altura do que precisa ser pensado? Ainda não dissemos qual é o próprio da filosofia. Em termos hegelianos, sendo a consciência grega a primeira “emergência e a primeira manifestação do espírito” (HEIDEGGER, 2008, p. 448) e sua *plena automanifestação* e *auto-saber absoluto*, segundo seu sistema, enquanto ideia absoluta, nos é facultado afirmar: a desocultação (*alétheia*) é a condição de possibilidade do espírito, da consciência, da autoconsciência, do sujeito absoluto.

Assim, o que deve ser colocado em questão, melhor, o que deve ocupar o questionar da filosofia é o próprio aparecer do real em sua realidade – *alétheia* enquanto desocultação. Como afirma Heidegger, “O que este nome designa não é a chave grosseira que decifra todos os enigmas do pensamento, mas a *alétheia* é o próprio enigma – a *questão do pensamento*” (*die Sache des Denkens*)¹⁵ (HEIDEGGER, 2008, p. 448). Enquanto questão do pensamento, a *alétheia* encerra uma implicação importante para nós: chegando já no fim da discussão, Heidegger associa a *alétheia* à essência da linguagem. Recuperando o poeta Homero, Heidegger afirma haver em seus poemas uma íntima conexão entre a *alétheia* e o *aléthés* com os verbos que significam *dizer*. Neste sentido, o dizer é fundamentalmente dependente da *alétheia*, e não o seu contrário:

todo dizer “já precisa do âmbito do desvelamento. Apenas lá onde o desvelamento já impera, algo pode tornar-se dizível visível, mostrável, perceptível. Se mantivermos na mira o imperar enigmático da

¹⁵ Na edição alemã Gesamtausgabe, Vittorio Klostermann, Band 9, p. 440.

alétheia, do desvelamento, então poderemos até suspeitar que mesmo toda a essência da linguagem repousa na des-ocultação, no imperar da *alétheia*. (HEIDEGGER, 2008, pp. 451-452)

Sendo a verdade a meta da filosofia e estando a linguagem dependente desse *protofenômeno*, este fenômeno primeiro e inaugural, devemos questionar a relação da verdade com a linguagem própria da filosofia. Igualmente será necessário pensar, em que medida a poesia pode corresponder à verdade enquanto desocultação a partir de sua linguagem. Assim, ficamos obrigados a esclarecer a relação ente a *alétheia* e a linguagem. Ou seja: devemos procurar pensar a relação entre a verdade e a linguagem própria ao poeta; a relação entre a verdade e a linguagem própria ao pensador – já que procuramos pensar o comum pertencimento de poesia e pensamento. *Portanto, em que medida o pensador e o poeta podem corresponder à verdade através dos seus dizeres próprios?* Essa talvez seja a pergunta mais fundamental que nos dará uma aproximação mais sólida de nosso propósito. Já que a “linguagem é a casa do ser” (HEIDEGGER, 1974, p. 24.), e neste sentido a linguagem torna-se a habitação do homem e sendo os “pensadores e poetas” (HEIDEGGER, 1974, p. 25.) *os vigias* da manifestação do ser na linguagem, temos aí uma boa indicação para a questão do comum pertencer de poesia e pensamento.

No entanto, antes de tratarmos da questão do mútuo pertencimento de poesia e pensamento, ainda precisamos, pelo menos, delinear o espírito do estado atual da filosofia. Em sua conferência de 1964, no Colóquio da Unesco, em Paris, intitulada *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*, Heidegger insere a questão do pensamento no fim da filosofia, considerando tal questão a partir de um aprofundamento e radicalização do que havia iniciado em *Ser e Tempo*. Com esta conferência, Heidegger pretende “dar uma forma mais radical ao questionamento de *Ser e Tempo*” (HEIDEGGER, 1996a, p. 95). Assim, sugere o redirecionamento da *questão crítica* de *Ser e Tempo* – a pergunta pelo sentido do ser e seu esquecimento –, para outras duas indagações fundamentais, que iriam tornar a questão do sentido do ser numa questão imanente ao próprio do pensamento, radicalizando, isto é, agravando o seu encaminhamento inicial. Segundo suas palavras, eis a primeira indagação que deve orientar essa recontextualização, intensificando a discussão: “1. Em que

medida entrou a Filosofia, na época atual, em seu estágio final?” (HEIDEGGER, 1996a, p. 95). Sua resposta irá nos dar o estado atual da filosofia.

Heidegger procura pensar o fim da filosofia como uma questão que pode ser ouvida desde o seu início. O *fim* da filosofia poderá ser ouvido lá onde a filosofia estava apenas despontando, no seu começo entre os gregos. Isso porque no começo da filosofia, em seu princípio, ou seja, quando a filosofia se inaugura entre os gregos, está já antecipado o seu fim enquanto um envio histórico. Conforme a afirmação de Heidegger, “na época da filosofia grega”, ou seja, em seu surgimento, “se manifesta um traço decisivo da Filosofia”, traço este que viria a se desdobrar na atualidade e que concretizaria o seu fim, qual seja: “o desenvolvimento das ciências em meio ao horizonte aberto pela Filosofia” (HEIDEGGER, 1996a, p. 96). Pode parecer estranho situar o que chamamos hoje de ciência como sendo uma abertura da própria filosofia. Tal afirmação não torna desnecessário o seu devido desdobramento, o que não será possível assumir agora.¹⁶ No entanto, foi a concretização desse envio histórico que nos permitiu destacar acima o desdobramento do termo metafísica em sua determinação científica. Pois esse “fenômeno faz parte do acabamento da Filosofia” (HEIDEGGER, 1996a, p. 96). Assim, o “desdobramento da Filosofia cada vez mais decisivamente nas ciências autônomas” corresponde ao que vimos discutindo acerca do acabamento/fim da

¹⁶ Uma evidência para a abertura do que conhecemos hoje como ciência, sendo desdobrada a partir do âmbito da filosofia grega está no diálogo platônico *Íon*. Neste diálogo, Sócrates caracteriza a *techné*, o conhecimento (*epistémé*) técnico, em oposição ao conhecimento do poeta. O conhecimento técnico se mostra no diálogo como um modelo hermenêutico de racionalidade. No estudo de Krishnamurti Jareski, em sua dissertação de mestrado, que se intitula *Téchne e inspiração no Íon platônico*, a pesquisadora aponta para um contexto histórico propício ao surgimento de técnicas que começaram a apresentar alto grau de especificidade. Segundo sua pesquisa, Jareski irá apontar três motivos pelos quais Platão irá adotar a *téchne* (saber técnico) como modelo de conhecimento (*epistémé*). O primeiro motivo diz respeito à capacidade do *technites* de prestar contas de seu saber, ao ensinar e transmitir aos outros o seu conhecimento. O segundo motivo diz respeito ao técnico ser capaz de realizar com maior competência sua atividade, devido ao fato de seu conhecimento técnico circunscrever melhor seu objeto de investigação e possuir um âmbito específico de abrangência. O terceiro motivo será a universalidade do saber técnico, “seu detentor é capaz de emitir um juízo a respeito de todas as manifestações particulares de seu objeto de conhecimento” JARESKI, Krishnamurti. *Téchne*. In: *Téchne e inspiração no Íon platônico*. Rio de Janeiro: PUC, 2006, p. 19. (Dissertação de mestrado) Ver o artigo *A compreensão da téchne como epistémé no Íon: um modelo hermenêutico de racionalidade*.

filosofia. Isso porque “a cientificidade das ciências é a certidão que atesta seu nascimento da Filosofia” (HEIDEGGER, 1996a, p. 98), isto é, a partir da Filosofia. É nesse sentido, é a partir desse encaminhamento histórico, que a Filosofia perde sua força, seu elemento, na medida em que procura se recolocar em meio ao saber científico.

Esse é o espírito científico segundo o qual Heidegger afirma corresponder “à determinação do homem como ser ligado à *práxis* na sociedade”. Partindo dessa determinação, acrescenta-se ainda sua implicação em pensar a ação do homem a partir de sua efetivação, numa relação de causa e efeito, compreendendo a operacionalização da ação numa dimensão de funcionalidade, o que irá, por isso, justificar o modo instrumental e técnico da ciência, permitindo-lhe “o controle de todo planejamento possível e de toda organização do trabalho humano”. Sua implicação no campo das artes representa a transformação de cada forma artística e sua força poética em meros “instrumentos controlados e controladores da informação”. Deste modo, a técnica marca e orienta “todas as manifestações no Planeta” (HEIDEGGER, 1996a, p. 97) – inclusive a filosofia –, como também se afirmou anteriormente acerca da dominação da metafísica como um *modo planetário de pensar*. Isso marca a atualidade da filosofia como um desdobrar-se no pensamento metafísico: o questionamento do ser na ontologia “aos poucos se torna teoria do conhecimento” (HEIDEGGER, 2010, p. 64), passando a servir à lógica da técnica e do controle assegurador que domina a atualidade da filosofia, enquanto se consagra, pela terra, sua dominação. Neste sentido, a filosofia alcança o seu fim, pois, ao seu elemento primordial, ao *pensamento mesmo*, é recusada qualquer atuação tanto “imediate quanto mediata sobre o domínio público da era industrial, caracterizado pela técnica e pela ciência” (HEIDEGGER, 1996a, p. 98).

Em linhas bem gerais, esta é a síntese que mostra o modo como a filosofia acabou encontrando o seu caminho para o fim¹⁷,

17 Isso porque a filosofia assumiu, para preservar sua atuação, ainda que de maneira imprópria, diferentes posições nas quais não está resguardado o pensar fundamental, compreendido como força que constitui o modo próprio de ser da filosofia. A propósito de suas tentativas inadequadas de manter-se na *ordem do dia*, destaca-se o que Heidegger recusa para a determinação da filosofia: *a filosofia não é ciência; a filosofia não é visão de mundo; a filosofia não é fundamentação do saber; a filosofia não é saber*

configurando, deste modo o seu estado atual, bem como a impossibilidade de atuação na esfera de domínio público de modo próprio e vigoroso, por possuírem, o *público* e o *pensamento*, naturezas diferentes e até mesmo divergentes. O que nos leva diretamente até aquela segunda indagação do texto de Heidegger acerca da *tarefa do pensamento*. Estando a filosofia em seu estágio terminal, o que resta a ela como tarefa? Segundo suas palavras: “2. Que tarefa ainda permanece reservada para o pensamento no fim da Filosofia?” (HEIDEGGER, 1996a, p. 95).

Inicialmente, Heidegger propôs a indagação acerca da “questão mesma” (HEIDEGGER, 1996a, p. 101) (*zur Sache selbst*) da filosofia como caminho para encontrar sua tarefa atual, o que irá esclarecer o seu interesse, a coisa em questão, o que está em causa, o que a filosofia assume ou deve assumir como coisa/questão do pensamento (*der Sache des Denkens*). No entanto, isso ainda não basta, pois a controvérsia acerca da questão da filosofia, considerada segundo sua história, não está essencialmente na questão mesma, assumida aqui e ali, nesta ou naquela forma filosófica específica do pensamento, mas sim no modo de “sua exposição, através da qual ela mesma se torna presente” (HEIDEGGER, 1996a, pp. 101-102). Em outras palavras: o problemático nunca está verdadeiramente inscrito na questão mesma, mas sim no modo como a questão vem à luz, no modo como se evidencia o apelo e a partir de onde é evidenciado o seu fundo. Isto fica sempre impensado, e é a partir daí que a questão precisa ser pensada. O impensado de toda questão é a proveniência de seu apelo, é a abertura possibilitadora de qualquer questão, do que aparece enquanto questão na abertura. A condição fundadora do aparecer e apresentar-se de todo e qualquer ente ou questão é nomeada como *clareira* (*die Lichtung*) (HEIDEGGER, 1996a, pp. 101-102). Este é o *fenômeno originário*, “a livre dimensão do aberto” (HEIDEGGER, 1996a, pp. 101-102).

Tal fenômeno, por ser originário, é o que deve ser pensado, é o que deve ser assumido como tarefa do pensamento. Ainda que, alguns modos atuais de pensar já estejam entregues “à livre dimensão da clareira”, considerando apenas aqueles que seguem “o chamado ‘às

absoluto; a filosofia não é preocupação com a existência particular do homem individual com tal (HEIDEGGER, 2016, pp. 26-30).

coisas mesmas””, isso não garante que tenhamos dela conhecimento e/ou visão suficiente. Como afirma Heidegger, dela, da clareira, a filosofia “nada sabe” (HEIDEGGER, 1996a, pp. 104-105). Porém, a clareira é a dimensão imperante em todo e qualquer fenômeno. Em suas palavras,

Quer seja experimentado aquilo que se apresenta, quer seja compreendido e exposto, ou não, sempre a presença, como o demorar-se dentro da dimensão do aberto, permanece dependente da clareira já imperante. Mesmo o que se ausenta não pode ser como tal, a não ser que se desdobre na livre dimensão da clareira. (HEIDEGGER, 1996a, p. 104)

Desse modo, tudo o que se mostra, tudo o que se dá a ver, e que recua e se retrai, silenciando e ocultando-se, ocorre no âmbito imperante da clareira, pela clareira. Isto significa que o que aparece e permanece em seu aparecer, precisa da disponibilidade aberta na clareira. Mas o que é a clareira, ela mesma?

Heidegger destaca que a questão da clareira já estava presente desde o início da filosofia, especialmente no *poema filosófico* de Parmênides. Em sua interpretação do fragmento 28 do poema, Heidegger procura nomear o “coração inconcusso do desvelamento”, ou seja, o “lugar do silêncio que concentra em si aquilo que primeiramente possibilita desvelamento” (HEIDEGGER, 1996a, pp. 104-105). Tal lugar é a própria clareira. Em suas palavras,

A clareira garante, antes de tudo, a possibilidade do caminho em direção da presença e possibilita a ela mesma o apresentar-se. A *Alétheia*, o desvelamento, devem ser pensados como a clareira que assegura ser e pensar e seu apresentar-se recíproco. Somente o coração silente da clareira é o lugar do silêncio do qual pode irromper algo assim como a possibilidade do comum-pertencer de ser e pensar, isto é, a possibilidade do acordo entre presença e apreensão. (HEIDEGGER, 1996a, p. 105)

Segundo esta compreensão, a *alétheia* é o próprio elemento, na verdade, o único, em que ser e pensar podem se dar, bem como o

seu comum pertencimento. Esta é uma virada na questão. Esta virada dá a indicação para um novo começo da filosofia, colocando no centro de suas preocupações o desvelamento como a condição mais radical do ser e do pensar. Note-se, que, com este procedimento toda a filosofia ficará de pernas para o ar e deveremos assumir um escândalo, no pensamento do ser, pois, tal questão ainda não foi devidamente tratada e assumida como tarefa da filosofia, considerando-se o desenvolvimento histórico da filosofia. Para isso, será necessário ainda pensar o agravamento da questão de *Ser e Tempo*, apontada acima. O agravamento da discussão elaborada em *Ser e Tempo* deve dizer respeito a esse comum pertencimento entre pensar e ser. Nisso, está já falando a dimensão do homem como *ser-no-mundo* e todas as suas implicações ôntico-ontológicas, inclusive a compreensão existencial do tempo.

Considerações finais

Muita coisa vai ficar aqui sem a devida discussão. O que fizemos aqui foi apenas a preparação para a abordagem própria da questão: pensar o comum pertencimento de poesia e pensamento. Podemos dizer que até aqui, apenas descrevemos o problema. Agora será necessário refletir, efetivamente, acerca do caminho para se investigar o comum pertencimento de poesia e pensamento, no fim da filosofia. Compreendendo minimamente o fim da filosofia e seu estado atual, será nossa obrigação, agora, pensar a necessidade e pertinência da questão *poesia e pensamento*. Fato é que houve uma decisão histórica acerca do elemento da filosofia e que precisa ser repensada hoje enquanto uma questão fundamental. Ficou insinuado que, no fim da filosofia, a tarefa que resta ao pensamento será pôr em questão a *alétheia* (desvelamento) como condição do mostrar-se e apresentar-se do real. Nesse contexto, podemos nos perguntar: seria a tarefa do pensamento a mesma tarefa da poesia?

Até aqui, nada foi dito acerca da necessidade de se colocar a questão da poesia no fim da filosofia. Apesar disso, sua necessidade se torna evidente, em função do encaminhamento da questão da desocultação como princípio fundante, tanto do pensar quanto do poetar. Isso porque tanto a poética quanto o pensamento estão instalados bem próximos da desocultação. Podemos adiantar a afirmação de que o poeta é aquele que busca o ser, “na medida em que

se mostra como alguém que cria de *maneira pensante*”, é aquele que busca e instaura de modo fundante o ser (HEIDEGGER, 2015, p. 15). O poeta é aquele que, mais facilmente do que outros, “encobre a verdade na imagem e a doa à visão para a conservação” (HEIDEGGER, 2015, p. 23). A atividade do poeta é criar: criar “significa todo abrigo da verdade no ente” (HEIDEGGER, 2015, p. 28). É importante dizer que o poeta cria desde a dimensão da abertura, da clareira, o que torna sua criação “a consequência do abrigo” da verdade (HEIDEGGER, 2015, p. 73), do apresentar-se do real. A poesia, portanto, é uma possibilidade de *abrigo* (HEIDEGGER, 2015, p. 97) da verdade, na medida em que o homem (entendido a partir do *Dasein*) se torna histórico.

Para arrematar tudo o que foi discutido acima, pode-se concluir:

- A filosofia atingiu o seu fim, enquanto se desviava de seu elemento próprio.
- O fim da filosofia não significa o seu desaparecimento, mas, ao contrário, sua dominação enquanto metafísica.
- A metafísica se torna o modo planetário de pensar.
- O estado atual da filosofia decorre de um envio histórico presente em seu começo, entre os gregos.
- Tal envio histórico está fundado na desconsideração da *alétheia* entendida como desvelamento.
- A questão/coisa do pensamento é justamente o questionar a *alétheia* como desocultação.
- Questionar a desocultação implica pensar a devida relação entre a linguagem e a desocultação, o que impõe a meditação sobre como a desocultação se reflete no âmbito da poesia e do pensamento, já que ambos se constituem enquanto linguagem.
- A filosofia, desde o seu princípio, guarda o embrião do seu fim, tendo em vista ter resguardado seu desdobramento histórico no desenvolvimento das ciências.
- Na medida em que todo o espírito científico compreende a ação humana a partir da relação causa-efeito, as ações humanas são avaliadas por esse diapasão, passando a reconhecer apenas o que se mostra útil e controlável, segundo uma lógica instrumental, desapropriando e inutilizando gradativamente o pensar.

- Mais fundamental do que a questão mesma da filosofia, é o meditar sobre a proveniência do apelo da questão, isto é, o modo como a questão vem à luz; isto é, o fundamental é meditar sobre a abertura possibilitadora da questão. A tarefa do pensamento está em ver a abertura que dá a ver o real.

Referências Bibliográficas

GALERA, Fábio. *A compreensão da téchne como epistême no Íon: um modelo hermenêutico de racionalidade*. Ano IV - Número 14. Piauí: Revista dEsEnrEdoS, 2012. Disponível em: <<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/14-Artigo-FabioGalera-TechneEpisteme.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

_____. *Caminho, poética, acontecimento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.

HEIDEGGER, Martin. A questão fundamental da filosofia. In: *Ser e Verdade*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. A superação da metafísica. In: *Ensaios e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Contribuições à filosofia (Do Acontecimento Apropriador). Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

_____. Hegel e os gregos. In: *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: *Os pensadores: Heidegger*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultura, 1996a.

_____. O que é isto – A filosofia? In: *Os pensadores: Heidegger*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultura, 1996b.

_____. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

Recebido em: 2019-07-04

Aprovado em: 2019-08-16